

**Quanto Pode o Amor na *Eneida* e n'Os *Lusíadas*:  
análise comparativa do percurso de Dido e Inês**

Teresa Carvalho

Uma vivia feliz, absorvida nos cuidados do seu povo e nas fragilidades do seu reino. Governante ideal, quis Virgílio que se apaixonasse perdidamente por um príncipe, herdeiro legítimo da dinastia de Príamo, que, trazido pelo mar e pelo vento, aportou às suas praias, sem pátria e sem ventura, e, sem culpa também, acabaria por roubar-lhe a felicidade, a coroa, o reino, a dignidade e a própria vida. A outra, num paço de uma terra estranha, para onde veio – saberia depois – para se perder por amor, vivia, na versão camoniana, alegre e despreocupada, enamorada de um príncipe, o Infante-herdeiro do rei Afonso IV de Portugal, que logo a amou. Nunca teve marido, nem trono, mas foi coroada *como se fora rainha*.

Dido e Inês de Castro, ambas protagonistas de duas das mais belas tragédias de amor de sempre – fonte inesgotável de inspiração literária e artística (de mérito muito variável) – possuem a infindável magia de apaixonar o homem, através dos séculos. Se os livros I a IV e o livro VI da *Eneida*, constituem a versão mais célebre e influente da história de Dido,<sup>1</sup> o chamado episódio inesiano d'Os *Lusíadas* apresenta-se como um dos mais firmes e seguros esteios da fama de Inês.<sup>2</sup>

Personagem histórica, a figura de Inês de Castro chegou até nós, como notou Maria Leonor Machado de Sousa, uma destacada estudiosa do tema inesiano, em atitudes passivas que Camões soube aproveitar e que jogam

---

<sup>1</sup> Vide C. M. PINHEIRO, *Percurso de Dido, Rainha de Cartago, na Literatura Latina*, Trabalho de Síntese apresentado à Universidade da Madeira em 2001.

<sup>2</sup> Para o alcance do tema inesiano vd. M. L. MACHADO DE SOUSA, *Inês de Castro – Um tema Português na Europa*, Lisboa, Edições 70, s/d.

dialecticamente com a iniciativa e a força da figura feminina cuja história surge resumida no livro primeiro da *Eneida*: «foi trazida no séquito de uma princesa, exilada por um rei, mandada regressar por um príncipe e por ele aposentada sucessivamente em diversas povoações, até ser morta por uma vaga desconfiança política»<sup>3</sup> que o épico português, empenhado na expansão lírica do Amor, recusou.

Dido não foi levada por ninguém: confrontada com o assassinato do marido que amava, tomou as rédeas do seu próprio destino, os tesouros do irmão criminoso, a seu cargo, uma dura empresa, fez-se ao mar e fundou a sua própria cidade – Cartago. Não foi exilada, exilou-se. E também não morrerá às mãos de ninguém: há-de erguer a sua própria mão, de mulher abandonada e perdida, para desferir sobre si própria o golpe final.

Pese embora a proximidade entre o episódio de Cartago, narrado no livro IV da *Eneida*, e o episódio de Coimbra, narrado nas estrofes 118 a 137 d’*Os Lusíadas*, Dido e Inês são figuras bem diversas<sup>4</sup>, como diverso, ou talvez melhor, inverso é o seu percurso: a primeira, de rainha a mulher; a segunda, de mulher a rainha, a reflectir uma distinta celebração poética do amor e da mulher em Camões<sup>5</sup>.

A primeira visão que o leitor d’ *Os Lusíadas* tem de Inês de Castro é bem diferente daquela que Virgílio oferece de Dido, a marcar o natural afastamento entre a simples mulher, cuja primeira e única iniciativa, historicamente pouco credível, aliás, é a célebre entrevista com o Rei, longamente relatada por Camões, e a soberana enérgica e imponente. Inês, a jovem mulher que vive

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>4</sup> Cf. C. A. ANDRÉ, «À margem da epopeia: a mulher e o amor, da *Eneida* a *Os Lusíadas*»: *O Poeta no Miradouro do Mundo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2008, pp. 55-75.

<sup>5</sup> São alguns os momentos em que, no que diz respeito ao amor e à mulher, Camões, na sua epopeia, não segue de perto a tendencial matriz virgiliana, como demonstrou C. A. ANDRÉ no estudo citado supra.

Sobre a celebração poética do amor em Virgílio vd., do mesmo autor, *Caminhos do Amor em Roma. Sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a. C.*, Lisboa, Cotovia, 2006.

sosegadamente entregue à lembrança das memórias passadas de amor feliz, preza fácil do destino, surge emoldurada num quadro – bucólico –, que para sempre lhe ficará associado:

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas. (3. 120)<sup>6</sup>*

A monarca, entregue ao labor que exige um reino recém-fundado e o desejo de reinos por vir, caminha, qual Diana, em direcção ao templo de Juno, em cujo trono tomará assento. O leitor segue-lhe os passos régios. Na sua majestade marcante e na sua viva movimentação, a contrastar com a candura e a leveza de movimentos da mulher frágil, Dido como que impossibilita aquela espécie de pausa na imagem que, no episódio camoniano, se adequa inteiramente à terna namorada que *ensinava aos montes e às ervinhas* o nome amado.

O narrador da *Eneida*, aliás, nesta primeira aparição (como que uma sucessão de imagens, que o leitor não tardará a substituir por outras de tonalidade bem diferente), concede-lhe honras de rainha. Apresentada, em traços gerais e pela boca de Vénus, a história de audácia da monarca, para além do próprio Eneas, é o leitor que começa a sentir a ausência daquela que se faz

---

<sup>6</sup> Seguirei sempre a edição prefaciada e anotada por Álvaro Júlio da Costa Pimpão publicada, pela primeira vez, em 1972, pelo Instituto da Alta Cultura e ressurgida em 1989 (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Editorial do Ministério da Educação), com apresentação de Aníbal Pinto de Castro.

esperar. Inês, retida no cenário onde terá início o primeiro acto da tragédia, espera o que descuidadamente se *apartara*.

Se D. Pedro, de acordo com a tradição lendária, de um modo geral seguida por Camões, logo se terá apaixonado pelos encantos da mulher, *linda e jovem*, Eneias\_começa por admirar a monarca, dedicada e empenhada nos destinos e na prosperidade da sua nova pátria. O conhecido símile que compara os Tírios, afadigados na construção de Cartago, a um enxame de abelhas (1.430-436), reflecte bem a dinâmica e o empenho da própria governante. Diria o nosso Épico que uma forte rainha faz forte a gente.

E é – não por muito tempo – a soberana, fazedora de leis, zelosa do seu povo, da pátria e dos que, à sua semelhança, sentem na carne o infortúnio, que, reclinada do alto do seu trono, escuta e fala aos Troianos, sem saber – *infelix Dido* – que a seta de Cupido, ajudada pela magistral mão de Virgílio, se prepara para fazer rolar a coroa que, um dia, por força das circunstâncias, veio pousar-lhe na cabeça. Com efeito, a pintura narrativa apresentada por Virgílio – e não um quadro descritivo, como no episódio de Camões – extravasa das molduras: semeia pistas, joga com as possibilidades de significação, dá a ver para além do visto. O desfile discursivo de personagens que se **mantêm** castas – Pentesileia, Diana –, que a **antecedem**, lança sobre essa pintura uma luz sombria que põe em relevo a dimensão sexual da rainha viúva<sup>7</sup>.

Dir-se-ia que se a ascensão de Inês, ou porque o narrador desejasse satisfazer de imediato a curiosidade do rei de Melinde, ou porque o próprio Poeta, que a aclama, fosse incapaz de a conter, é explicitamente anunciada na abertura do episódio, quando refere «o caso triste, e dino da memória», na *Eneida*, a queda de Dido é, desde o início, veladamente comunicada. Em boa verdade, se o reinado de D. Inês ainda dura – pela arte da palavra (e pela vitalidade de temas como o da coroação) –, o de Dido termina no justo momento em que o príncipe troiano lhe vem ao encontro. Isto mesmo *fiavam as*

---

<sup>7</sup> M. PUTNAM, p.37.

*Parcas* e ouvira Juno, deusa inimiga dos troianos: «Ouvira contudo que do sangue troiano proviria uma estirpe que havia um dia de destruir as cidadelas tÍrias e que daí viria um povo e um rei soberbos na guerra, de vasto poder, para destruição da LÍbia»<sup>8</sup>.

Por outro lado, se, na epopeia latina, a conversão da rainha na mulher ocorre, para aquele leitor menos habituado a ler nas entrelinhas virgilianas, de forma mais surpreendente que a da mulher na rainha, logo sem rodeios anunciada, não é certamente alheia a gestão das circunstâncias que envolvem a morte de ambas. Para Dido, há todo um processo gradualmente desenhado, tudo é cuidadosamente delineado, tão ao gosto de VirgÍlio: conjugam-se paradoxais vontades divinas, criam-se atmosferas festivas, exercitam-se artes mágicas, engendram-se maquinações divinas, organizam-se caçadas desiguais, estranhas núpcias... Para Inês, a morte por amor, de que resultou a coroação, é apressadamente ditada. Bem à maneira da tragédia clássica, não há tempo senão para o infortúnio e o que imediatamente o precedeu, como convém à economia da narrativa camoniana.

Atingida pela seta artificiosa de Cupido, a figura feminina que abre o livro IV da *Eneida* e que o leitor havia deixado atrás, no fecho do livro primeiro, a sorver a poço nociva do amor, parece-se menos com a governante ideal, que com a mulher apaixonada que, em plano destacado, surge no quadro camoniano.

Agora, sem atributos de Diana, Dido é, como Inês, a presa fácil. Depois de um momento de hesitação, não claramente racional, feita de argumentos cuidadosamente pesados, mas de funda inquietação e conflito, depressa substitui o nome que tinha escrito no peito, e a quem jurara fidelidade eterna – Siqueu – pelo de Eneias, que passa a morar-lhe na alma. De noite, em ansiosos

---

<sup>8</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, 1.19-22. A edição adoptada para citação das traduções é a coordenada e anotada por LuÍs M. G. CERQUEIRA, *Eneida*, Lisboa, Bertrand Editora, 2003.

sonhos que não mentiam; de dia, em *pensamentos que voavam* pelos anos de vida heróica do troiano e lhe perturbam os sentidos:

*Que semblante o seu! Quão fortes o seu peito e os seus ombros! [...] Oh!, por que Fados ele foi perseguido! As guerras cumpridas que ele contava! [...] Se não me estivesse firme e inamovível no espírito a determinação de a ninguém me unir pelo laço conjugal [...] talvez a esta só tentação poderia eu sucumbir.*<sup>9</sup>

Sem temperamento, porém, para ensinar aos montes e às ervinhas esse novo nome que no peito a ardilosa mão divina lhe inscreveu, já pouco senhora de si, corre Dido para a irmã confidente, que mais não faz que feminizar argumentos:

*– Ó tu que à tua irmã és mais grata do que a luz do dia, sozinha e desgostosa hás-de ser consumida durante toda a juventude, e não conhecerás os doces filhos nem as alegrias por Vénus concedidas? [...] Jarbas foi desprezado e outros chefes que gera a terra de África, rica em vitórias. Mas será que também resistirás a um amor que te é grato? [...] Creio bem que foi com a bênção dos deuses e por favor de Juno que os navios troianos aqui detiveram o seu curso, por causa do vento. Quão magnífica verás esta cidade, que reinos verás brotar de tal matrimónio!*<sup>10</sup>

É o primeiro salto significativamente descendente de Dido. Sobre si, não incide já a aura real do livro primeiro, mas um foco narrativo que exhibe o anular da reacção à força irracional do sentimento que (pre)anunciará tragicamente a sua morte. Da rainha sublime, heroína magnífica, não resta senão a morada, trocada pelas ruas da cidade por onde vagueará em fúria.

A sua natureza feminina adiantara-se a passos largos à realeza. Assim se explica, a Dido hesitante, em vez da Dido decidida, senhora de si e do seu querer – hesitação que se reflecte no próprio discurso narrativo, ele próprio a

---

<sup>9</sup> VIRGÍLIO, 4.10-19. Trad. p. 69.

<sup>10</sup> VIRGÍLIO, 4.31-48. Trad. p. 70.

oscilar entre a *regina* e a *infelix Dido* –, a Dido consumida pelo fogo devastador do amor (que, entretanto, alastra pela própria sintagmática narrativa), em lugar da Dido devastadora, a Dido com direito aos prazeres do amor e à maternidade, adiada com Siqueu, em lugar da Dido virilizada, monarca devota que «outorgava direitos e leis aos homens», em suma, a Dido-mulher em vez da Dido-rainha.

O seu casamento com Eneias, uma celebração sem hinos, nem rubores<sup>11</sup>, ao abrigo do olhar do leitor, que decerto deixaria a desenvolta pena de Camões insatisfeita, fá-la descer mais um degrau no percurso rainha-mulher.

A *força crua* que transformou a deusa caçadora (imagem cristalizada no símile de Diana) na corça ferida, a rainha na mulher, é a mesma que, em parte, decalcada por Camões da *Eneida* – mas liricamente celebrada – causou a «molesta morte» de Inês e a elevou à condição real – o Amor. No “livro de Dido”, essa força, fere, destrói e destrona. Nas estrofes de Camões, o amor fere mas sublima.

Inês, que desde Fernão Lopes era sobretudo a mãe de concorrentes dinásticos do mestre de Avis, é, pela pena lírica de Camões, promovida a divindade simbólica, «papel que já lhe estava claramente destinado pela promoção de matriarca lírica (Garcia de Resende), a divindade totémica e trágica (António Ferreira)»<sup>12</sup>. O leitor é chamado a contemplar:

*Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome Amores!* (3.135.7-8)

Neste processo de queda e ascensão, interessante é observar que é justamente nos momentos em que as suas histórias de amores infelizes mais parecem aproximar-se, que Dido e Inês mais se afastam, que mais claramente

---

<sup>11</sup> Cf. C. A. ANDRÉ, p. 227

<sup>12</sup> A. PINTO de CASTRO, «Da crónica à lenda e da lenda ao mito», p. 37.

vemos a rainha a pender para a mulher e a mulher para a rainha. A publicação da união de Dido e Eneias, pela Fama, que obtém paralelo no episódio do canto III d'Os *Lusíadas* no «murmurar do povo», se, por um lado, acentua a condição de esposa ilegítima de Dido e a sua origem fenícia, por outro, põe em relevo a imagem da rainha adiada em que entretanto se transformara. Com efeito, se Eneias, absorvido em «namoradas estranhezas» (*Lus.* 3.122.5), se esquece de que ainda não tem cidade e está destinado a fundá-la, Dido, esquece-se de que a tem. Na boca dos homens, corria agora que «passavam confortavelmente todo o Inverno na companhia um do outro, esquecidos dos seus reinos e tomados por uma luxúria ignóbil»<sup>13</sup>.

Na epopeia lusíada, as vozes do povo e o que precipitariam, não transformam o Infante no «príncipe bailador», nem Inês na castelhana «mulher clandestina do infante»<sup>14</sup>, antes fazem aparecer um Rei censurado pelo uso da espada, melhor aproveitada contra o furor Mauro, um príncipe profundamente enamorado (e correspondido) e uma mulher frágil, inesperadamente caída em desgraça, subjugada por forças incontrolláveis, a obrigar o poeta a intervir na forma interrogativa:

*Que furor consentiu que a espada fina  
Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra ua fraca dama delicada? (3.123.4-8)*

A mácula de ilicitude amorosa que paira sobre Dido é, no episódio camoniano, resgatada pelos sentimentos que a sublimam. Afinal, não prendera Inês o seu príncipe com artifícios nem estratégias, prendera-o com um «gesto suave». Na intervenção de Camões, sempre em favor de Inês, ao contrário do que sucede com Virgílio em relação a Dido, pese embora a clara simpatia que

---

<sup>13</sup> VIRGÍLIO, 4.193-194. Trad. p. 73.

<sup>14</sup> História de Portugal. Circulo de Leitores, vol. II. 1993, p. 487.

por ela demonstra o poeta, «a mísera e mesquinha», para sempre subtraída à realidade medieval em que viveu, vai ascendendo, sem nunca precisar perder nenhuma das mulheres que é: a terna namorada, a amante ingénua, a mãe dedicada e afectuosa.

Mas também a célebre ordem divina do livro IV da *Eneida – Nauiguet* –, a que corresponderá, no sentido em que ambas abreviam as duas histórias de amor, a sentença real do episódio camoniano – «O velho pai sesudo [...] / Tirar Inês ao mundo determina» –, que abre caminho ao remate glorificador da coroação, sobriamente usado por Camões, faz aparecer, em simultâneo, os contornos da rainha fracassada e as várias mulheres que Dido, num afastamento do paradigma feminino, de que fazem parte traços como a doçura, a fragilidade ou a submissão, experimentará:

– a bacante que delira em fúria por toda a cidade;

– a recém-“casada”, logo traída e abandonada:

*É de mim que foges? Por estas lágrimas e pela fé que me juraste [...], pela nossa união, pelas núpcias começadas [...]*<sup>15</sup>

– a mãe, outra vez adiada:

*Se ao menos eu de ti tivesse concebido uma criança antes de partires, se no pátio me brincasse um Eneias pequenino, cujas feições me lembrassem as tuas, não me consideraria totalmente traída e abandonada.*<sup>16</sup>

– a desventurada que não perde a altivez e cresce como figura dramática;

– a altiva apaixonada que descobriu, tarde demais, que o homem de quem se enamorara, não é, como será D. Pedro, o amante fervoroso:

---

<sup>15</sup> VIRGÍLIO, 4.307-316. Trad. p. 76

<sup>16</sup> 4. 327-330. Trad. p. 76.

*Na verdade, para que hei-de eu dissimular? [...]Porventura se condeou com o meu pranto, volveu para mim os olhos, chorou comovido, compadeceu-se da sua amante?*<sup>17</sup>

– a mulher irónica que não compreende os cuidados dos deuses:

*Agora o adivinho Apolo, os oráculos lícios, agora um intérprete dos deuses, enviado pelo próprio Júpiter, vem trazer pelos ares fora ordens de lhe pôr os cabelos em pé! É isto evidentemente ocupação própria dos deuses supernos, é este cuidado que há-de inquietar as tranquilas divindades!*<sup>18</sup>

– a mulher desgovernada;

– a mulher cruel;

– a mulher desesperada que prolonga o seu ódio no tempo e no espaço.

Eneias, na sua fala breve, ajustada, de resto, ao que sabe que tem de cumprir e não sabe como dizê-lo, apesar de se dirigir à rainha, é, no fundo, a Elisa, o primeiro nome da mulher a quem temporariamente se unira, que, afectuosamente, prefere apresentar os motivos da partida apressada, declinando o estatuto do noivo que não pode ser.

São vãs as tentativas de Dido para demover Eneias da partida. Será vão o soluçado apelo de Inês ao Rei. Tudo é vão quando deuses ou destino estão contra. No final do “livro de Dido” fica a imagem da mulher em chamas – *infelix Elisa*, repetirá o narrador. A rainha há muito morrera, enredada nas teias perigosas do amor.

O príncipe troiano, para não se perder, aceita a provação do amor e a morte de Dido e continua caminho. D. Pedro, perdido de amores, sem vislumbrar caminho, num movimento de negação da morte Inês, reagirá ao duro golpe. Diz o narrador que

---

<sup>17</sup> 4.359-370. Trad. p. 77.

<sup>18</sup> 4. 376-380. Trad. p. 78.

*Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas (3.136. 1-4)*

Das muitas acções, históricas ou lendárias, do príncipe, tendentes a honrar a memória de Inês,<sup>19</sup> deixa Camões vazios os espaços que outros, trabalhando abundantemente a imaginação, encheram. Na verdade, interessara-se menos pelos elementos concretos da glorificação, que no seu texto surgem resumidos – magistralmente resumidos –, que pelos efeitos líricos que deles podia extrair.<sup>20</sup> O certo é que em nenhum outro autor que cultivou o tema – e foram muitos – a realza de Inês vibrou tão alto. Assim se passa da morte à glorificação, num claro triunfo do Amor.

O face a face que D. Pedro parece ter desejado na hora do Juízo Final – assim indicia a célebre legenda “*até a fim do mundo*”, que mandou inscrever no túmulo – e a que Camões não atribuiu desenvolvimento, salvaguardadas as devidas distâncias, teve-o Eneias, quando desceu aos infernos, na breve aparição do livro VI. Lá estava Dido, lívida, sem coroa nem reino, entre as mulheres que morreram de amor... pronta a voltar-lhe a face, sem mais nada para dizer.

Teresa Carvalho

## **BIBLIOGRAFIA**

---

<sup>19</sup> Refiro-me à declaração da realza de Inês por D. Pedro, à transladação solene dos restos mortais de Santa Clara para o sumptuoso túmulo de Alcobaça, destinados a exaltá-la, ao «cadáver coroadado», à chamada cena do beija-mão – sancionados pela autoridade de historiadores modernos –, à estátua coroadada...

<sup>20</sup> M. L. MACHADO de SOUSA, p. 57.

- AA VV, *Colóquio Inês de Castro – actas* 15 de Janeiro de 2004, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2005.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso, «À margem da epopeia: a mulher e o amor, da *Eneida* a *Os Lusíadas*»: *O Poeta no Miradouro do Mundo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2008, pp. 55-75.
- ARNAUT, Salvador Dias, *O episódio de Inês de Castro à luz da História*, Lisboa,
- ENK, P. S., «La tragédie de Didon»: *Latomus* 16 (1957) 628-642.
- MONTEIRO, João Gouveia; CASTRO, Aníbal Pinto de; DIAS, Pedro, *O Reencontro de D. Pedro e D. Inês*, Coimbra, Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, 1999.
- OTIS, Brooks, Virgil. *A study in civilized poetry*, Oxford, Oxford University Press, 1964.
- PUTNAM, Michael C. J., *Virgil's Epic Designs: ekphrasis in the Aeneid*, New Haven & London, Yale University Press, 1998.
- RIBEIRO, Rosa Maria Pais, *Inês de Castro na Literatura, no Cinema e nas Outras Artes*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Filologia Galega da Universidade de Santiago de Compostela, 2002.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de, *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- VIEIRA, Afonso Lopes, *Inês de Castro na poesia e na lenda. Conferência realizada no Claustro do Mosteiro de Alcobaça, seguida do Soneto dos Túmulos*, Alcobaça, Oficina de A.M. Oliveira, 1914.